

MALU COSTACURTA

O CEMITÉRIO DE

# GIGANTES



Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

**MALU COSTACURTA**

**O CEMITÉRIO DE**  
**GIGANTES**



**Planeta**

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Malu Costacurta, 2023  
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2023  
Todos os direitos reservados.

Preparação: Bárbara Prince  
Revisão: Carmen T. S. Costa e Natália Mori  
Diagramação e projeto gráfico: Vivian Valli  
Ilustração e composição de capa: Marina Banker

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Costacurta, Malu  
O cemitério de gigantes / Malu Costacurta. - São Paulo: Planeta do  
Brasil, 2023.  
320 p.

ISBN 978-85-422-2286-9

1. Ficção brasileira I. Título  
23-3333

CDD B869.3

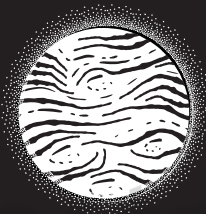
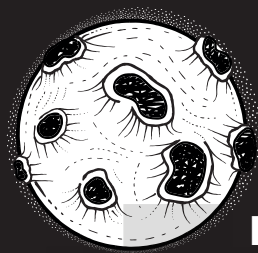
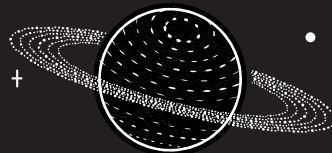
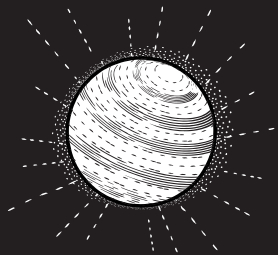
Índice para catálogo sistemático:  
1. Ficção brasileira



Ao escolher este livro, você está apoiando o  
manejo responsável das florestas do mundo

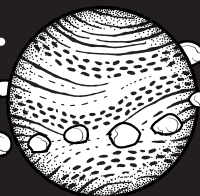
2023  
Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.  
Rua Bela Cintra, 986 – 4ª andar  
01415-002 – Consolação – São Paulo-SP  
[www.planetadelivros.com.br](http://www.planetadelivros.com.br)  
[faleconosco@editoraplaneta.com.br](mailto:faleconosco@editoraplaneta.com.br)

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.



PARTE I

# O cemitério



# 1.

## O guia de Nyo Aura para ser um aventureiro de sucesso

Nyo Aura estaria morto dali a alguns segundos. Nem mesmo adultos sábios e prudentes sobreviveriam àquele pulo. Era impossível.

Havia tomado a decisão de ir até aquele lugar, não tinha nenhuma escolha senão saltar e inevitavelmente virar mais um exemplo para *não* ser seguido.

“Nyo Aura: o garoto esquecido pelo universo e com uma péssima reputação entre os habitantes da sua cidade” era um epitáfio terrível.

Sabia que aquela havia sido a pior escolha que já tomara na vida – entre tantos outros exemplos –, mas jamais desperdiçaria a oportunidade de uma aventura e de uma boa história para contar. Claro, não estaria vivo para contar essa história, mas era suficiente para os bardos escreverem músicas sobre ele no futuro.

Os habitantes de Ekholm gostavam de descrevê-lo como um “garoto problema” ou um “completo maluco”, mas Nyo não dava ouvidos para eles. Ele preferia o termo “gênio incompreendido”. Ekholm era a cidade perfeita para aventureiros, independentemente do que falassem.

Há uma linha muito tênue entre a morte certa e uma boa história. Nyo constantemente se divertia muito desafiando os limites dessa linha.

O garoto vivia num pequeno planeta chamado Caerus, que percorria um caminho inevitável para a total devastação. Caerus

tivera sua era mais próspera havia mais ou menos quinhentos anos, quando os gigantes ainda reinavam sobre suas terras. Os grandalhões alcançavam quase cinquenta metros de altura, eram forças da natureza, irrefreáveis e, até onde a humanidade sabia, imortais.

Os humanos haviam se envolvido em uma guerra contra os gigantes, mesmo que as chances de vitória fossem minúsculas. Alguma coisa dera esperança aos homens, algo já esquecido pelo tempo. E, por causa disso, as criaturas imortais foram mortas, e seus ossos permaneciam sobre a terra.

Caerus era um cemitério de gigantes, e Nyo faria qualquer coisa para descobrir todos os segredos daqueles monstros – e, principalmente, da morte deles.

Ninguém sabia como os humanos conseguiram matar os gigantes e vencer a guerra. Sabiam apenas que, por conta das lutas de proporções *gigantescas* – trocadilho intencional –, o planeta estava morrendo, e Ekholm era a única cidade que ainda resistia. Muralhas que permaneciam em pé havia séculos os impediam de explorar a Terra de Ninguém ao redor, cujos segredos estavam escondidos pela Junta dos Líderes que comandava a cidade.

Era quase tortura para Nyo não saber a verdade sobre a morte dos gigantes e o que havia para além das muralhas. A cidade era pequena demais para ele.

Nyo não descansaria até entender o que matara os gigantes. Por isso, de vez em quando tomava algumas decisões equivocadas e que quase sempre acabavam em desastre. Aquele era só mais um dia em que se envolvera numa aventura que sem dúvida causaria sua morte, mas nada fora do normal.

Tudo começou quando Nyo ouviu boatos sobre um possível monstro marinho que vivia numa gruta escondida na praia mais ao norte da cidade. Certo, talvez não devesse ter confiado na lenda contada por um velho bêbado nas primeiras horas

da manhã numa taverna de quinta categoria à beira da muralha, mas ele não correria o risco de perder o encontro com um *monstro marinho*, pelos gigantes.

Nyo não pensou duas vezes, correu para o encontro do idoso e arrancou dele todas as informações possíveis sobre o monstro. Em questão de duas horas, numa caminhada longa demais até para seus padrões, o aventureiro encontrou a tal gruta escondida que prometia ocultar a criatura.

A praia era estreita, a maré estava alta, e quase ninguém se arriscava a fazer o caminho até lá, preenchido por rochas escorregadias e com a possibilidade de encontrar alguma nequícia – plantas esquisitas cujo mero aroma poderia causar os efeitos mais bizarros, desde fazer alguém se apaixonar perdidamente pela pessoa mais próxima até obrigá-lo a saltar no oceano à procura de caranguejos cor-de-rosa (história real).

Nyo sempre se divertia descobrindo as funções secretas das nequícias. Mas sabia muito bem como evitá-las e como se proteger dos seus efeitos naquele dia em que precisava se manter focado na missão, então não se importava com os perigos da jornada até a gruta. Desafios apenas deixavam suas aventuras ainda mais emocionantes.

O oceano estava mais agitado do que o normal, as ondas violentas agrediam a formação rochosa alta o suficiente para esconder os sóis do início da manhã – Maasdri e Vaz, as duas estrelas do sistema estelar binário de Caerus. Nyo não temia ondas e achava quase romântica a visão do mar alaranjado tomando seu lugar de direito sobre o continente, com a certeza de que um dia toda a sua cidade seria conquistada pelas águas, muito tempo depois de a pequena população de Ekholm já ter sucumbido.

Parou um segundo para se acostumar com o cheiro forte da maresia, o sal se misturando ao ar em seus pulmões, silenciando todo e qualquer ruído. A luz se movia lentamente pelo seu

corpo, explorava cada centímetro disponível e o transformava em parte do ambiente.

Nyo morava perto da muralha e quase nunca podia visitar o oceano, então precisava valorizar esses momentos. Eram poucos os dias em que conseguia se sentir em paz de verdade, quando conseguia desligar os pensamentos. Só assim sentia-se verdadeiramente conectado ao universo, como se os batimentos do seu coração estivessem no mesmo ritmo que as ondas do mar.

O garoto piscou para longe do seu transe quando uma onda se quebrou contra o rochedo com um estrondo.

— Certo, o monstro marinho — murmurou, encarando o oceano laranja. — Tomara que eu saia vivo dessa.

Nyo continuou sua caminhada pela areia úmida da praia, sem se preocupar com a possibilidade de esbarrar em um monstro fora de lugar. Não havia animais em Ekholm – apenas raríssimas criaturas bizarras que conseguiam se adaptar às piores condições possíveis –, então provavelmente não havia nada de perigoso naquela praia, e ele estava a salvo.

— Eu estou te vendo, Nyo Aura.

*Droga.*

Nyo virou-se em direção à voz e abriu o seu sorriso mais inocente para o garoto diante de si, *maldito Arcturo Kh'ane*.

O garoto prodígio de Ekholm, com os cachinhos loiros e olhos verdes comentados por toda a cidade. Todos *amavam* Arcturo. Eternamente perfeito, sem nenhum defeito e sempre prestativo.

Pelo menos era o que achavam.

— Art! O que faz aqui, bravo escudeiro? — Nyo sorriu, piscando um dos olhos para o melhor amigo.

— Vim garantir que você não se envolva em uma loucura que vai resultar na sua morte, é lógico. — O menino tentou se equilibrar sobre as rochas, indo em direção ao aventureiro.

— *Você* vai acabar morrendo se continuar fazendo esse tipo de coisa, Arcturo. E não adianta tentar me alcançar, as rochas estão escorregadias demais.

Nyo revirou os olhos e foi em direção ao menino, com as mãos estendidas para alcançá-lo. Arcturo era o extremo oposto de Nyo em todos os aspectos, e sempre se envolvia relutantemente nas aventuras do amigo, na maioria das vezes apenas tentando garantir que ele não causaria nenhuma tragédia de proporções planetárias ou coisa do tipo.

— Fica parado, Art, antes que você se espatife no chão. — Nyo alcançou a mão do amigo e o conduziu até a areia, num pulo desengonçado que espalhou os grãos por toda a sua roupa.

— Droga — Arcturo resmungou, limpando as mãos nas calças. — O que você pensa que está fazendo, Nyo? Sério.

O aventureiro semicerrou os olhos.

— Antes de eu responder: o que *você* pensa que eu estou fazendo?

— Eu te vi saindo daquela taverna com o seu olhar de *maluco*. — Art arqueou as sobrancelhas, desafiando-o a negar. — Eu sabia que precisava te seguir, é lógico, e você veio parar no pior lugar possível.

— Ei! — Nyo fez sua melhor expressão de revolta. — Esse lugar é um *charme*. Eu já conheço toda essa parte da costa, tem um fêmur submerso aqui do lado.

— Eu te vi quase esbarrando em pelo menos três nequícias, Nyo.

— Exatamente — ele piscou um dos olhos. — *Quase*.

Tudo bem, talvez ele não fosse tão bom em evitá-las como tinha pensado, mas sabia como lidar com elas em seus encontros frequentes. Com quase todas, pelo menos.

Arcturo suspirou, cobrindo o rosto com as mãos. Nyo imaginava que *beeeeem* lá no fundo Art estava contendo uma risada, mas jamais poderia admitir isso.

— Mas, e aí, vai querer participar da minha nova aventura épica ou vai ficar parado reclamando?

O garoto mordeu os lábios, contendo o sorriso que sem dúvidas lutava para escapar.

— Eu vou com você, Nyo. — Art bateu de leve com o ombro no amigo. — Eu sempre vou com você.

— Você adora reclamar, mas não viveria sem mim. — Nyo mostrou a língua para o garoto e apontou com a cabeça em direção à gruta. — Bora, eu te explico quando a gente chegar lá.

Art suspirou.

— Isso nunca é um bom sinal.



Para alcançar a entrada da gruta, a dupla precisou descer por um caminho estreito e incrivelmente perigoso. Nyo foi na frente, animado com a proximidade de um possível monstro marinho, seguido por um Arcturo apreensivo e relutante.

A dinâmica perfeita.

— Calma, olha isso daqui. — Nyo estendeu o braço, impedindo que o amigo continuasse andando.

Levantou um galho com um dos pés, revelando uma pequena planta laranja fluorescente semienterrada na areia. As folhas cresciam espessas com algumas bolinhas azuis nas extremidades. Nyo abriu um sorriso assim que identificou a espécie, enquanto Art dava vários passos para trás com o nariz e a boca cobertos pela camiseta.

— Ela não vai te morder, Art. — Nyo sorriu, chegando mais perto da nequícia.

— Nyo, pelos gigantes! — O garoto parecia estar dividido entre correr para muito longe ou tentar salvar o amigo. — Toda vez isso, cara.

— Fica tranquilo. — O menino arrancou a planta ainda com as raízes, tomando-a nas mãos com um cuidado que reservava

apenas às suas nequícias. — Vê esses pontinhos brancos bem no meio das manchas azuis?

Art arregalou os olhos e inclinou o corpo de leve em direção ao amigo, não resistindo à curiosidade.

— Isso indica que não é perigosa. — Nyo sorriu. — Na verdade, é ótima para dores de barriga. Se for envenenado, é essa planta que você vai querer por perto.

O amigo mordeu o lábio, ainda incerto, e se aproximou com os olhos brilhando.

— Tem certeza?

— Você não confia em mim? — Nyo abriu um sorriso de orelha a orelha e arqueou as sobrancelhas. — Pense bem na sua resposta.

Art encarou o garoto por alguns segundos com um meio-sorriso e estendeu as mãos. Nyo posicionou a nequícia com cuidado entre os dedos do melhor amigo, seus olhos vidrados um no outro. Se ele fizesse muito silêncio, conseguiria ouvir seus batimentos ansiosos.

A amizade entre os dois fora criada de uma forma curiosa, e mais improvável ainda fora o que os unira de maneira permanente, mas essa é uma história para outra hora. Art e Nyo eram inseparáveis, e momentos como aquele faziam o aventureiro lembrar por que valorizava tanto o amigo.

Arcturo confiava nele. Era o único que o fazia.

(Não que Nyo se importasse com os outros, claro!)

— É até bonitinha, assim de perto. — Art sorriu, examinando a planta com cuidado excessivo. — Eu colocaria ela para enfeitar meu quarto, se não tivesse certeza de que meu pai iria enlouquecer.

— Bonitinha se você olhar beeeem de perto, indesejada pela maioria das famílias e extremamente incompreendida. — Nyo franziu o cenho numa expressão exagerada. — Eu te entendo, plantinha.

Arcturo revirou os olhos e bateu com o ombro no amigo, um sorriso brilhante enfeitando seu rosto.

— Não vou negar, meu pai preferiria mil vezes ter essa nequícia em casa do que *você*.

— Ah, tenho certeza disso. — Nyo sorriu. — Vamos, quero encontrar esse monstro logo.

Art abriu um meio-sorriso, mas a expressão logo se derreteu em seu rosto. Os olhos foram tomados pelo desespero, e ele passou alguns segundos encarando Nyo com a boca meio aberta antes de conseguir formar as próximas palavras.

— Nyo, *monstro*? — balbuciou, mas o amigo já tinha voltado a caminhar. — *Você disse monstro*?

— Você só vai descobrir se me seguir, Artinho. — Nyo virou-se para o amigo, sem parar de caminhar, com seu melhor sorriso travesso.

O aventureiro acelerou o passo, seus olhos fixos na gruta cada vez mais próxima. Não conseguia ver nenhum outro possível esconderijo para a criatura, então estava certo de que aquele era o covil do monstro. Não sabia muito bem o que faria quando o encontrasse, mas isso era um problema para o Nyo do futuro.

— Nyo, calma, calma, calma. — Art o puxou pelo braço momentos antes de chegarem ao local. — Você pensou no que está fazendo?

— Você *sabe* que a resposta é “não”, Art. — Nyo provocou e piscou um dos olhos. — A última vez em que eu considerei as consequências das minhas ações foi provavelmente antes de eu aprender a amarrar os sapatos.

O outro abriu a boca, talvez preparado para argumentar, mas desistiu.

— Certo, vamos lá então.

Nyo arqueou as sobrancelhas.

— Você tá fraco, Art, achei que tentaria me convencer a desistir. — Nyo sorriu, com a cabeça jogada para o lado, e agarrou o braço do amigo. — Vamos, então!

A entrada da gruta era estreita, nem de longe tinha espaço para que um monstro esquisito se alojasse ali dentro, o que não era um problema. Teoricamente, deveria haver pelo menos mais uma entrada em outro lugar, e Nyo contava que essa tivesse pelo menos uns quatro metros de altura.

Não comportaria um gigante dos tempos antigos, mas talvez um dragão filhote ou lulas colossais. A verdade era que Nyo ainda esperava encontrar qualquer resquício dos gigantes em todas as suas aventuras, mas não tinha muitas esperanças para aquela além de se deparar com algum osso menor, talvez, nada muito mais interessante do que isso.

As primeiras estalagmites – ou estalactites, ele nunca sabia diferenciar – já se formavam na entrada, não tão pontiagudas a ponto de serem perigosas. Antes de explorar a gruta, Nyo tirou um segundo para examiná-las em busca de nequícias ou de alguma pedra muito interessante para acrescentar à sua coleção.

— Não acha que já tem pedras demais, Nyo? — Art se aproximou do amigo, que analisava com muito cuidado as formações da gruta. A rocha tinha um aspecto azulado que ele nunca vira antes, como um oceano azul cintilando sob a luz dos sóis.

— Não existe isso de *pedras demais*, Arcturo. — O menino franziu o cenho, o olhar fixo nas paredes da gruta. Uma sensação estranha pressionava a boca do seu estômago, e ele precisou de um segundo para conter o enjoo inesperado. — Eu nunca vi nada parecido. Essa parte azulada só se forma no interior da gruta, não é visível do lado de fora.

— Isso é... um bom sinal?

Nyo deu de ombros, virando-se para o amigo.

— Vamos descobrir.

Os garotos adentraram a gruta numa caminhada mais lenta, logo sendo tomados pela escuridão. A pedra azulada seguia por todo o interior da formação, e o caminho parecia livre de nequícias – o que Nyo achou muito estranho.

— Você não pensou em trazer uma tocha ou, sei lá, *qualquer coisa* para iluminar nosso caminho, Nyo? — Arcturo tocou seu ombro, puxando-o para mais perto. A luminosidade dentro da gruta já estava limitada, restando só alguns resquícios dos sóis lá de fora.

— Eu estava torcendo para o monstro ser um dragão — Nyo murmurou, ainda sem desviar o olhar curioso da rocha azul. — E aí *ele* poderia iluminar nosso caminho.

Art abriu e fechou a boca, com uma expressão incrédula.

— É difícil argumentar contra essa lógica — suspirou.

Caminharam por mais alguns minutos no silêncio absoluto, cortado apenas pelo ocasional gotejar de água. Não conseguiam identificar a origem do barulho, mas o ar parecia mais e mais úmido conforme invadiam o espaço. Nyo sentia os batimentos do seu coração cada vez mais fortes numa mistura de apreensão e curiosidade. Amava aqueles momentos quando todo o seu corpo se preparava para o que viria a seguir, o anseio e o desassossego correndo pelas veias e levando todos os seus sentidos ao extremo. As dezenas de vozes em sua mente ficavam em completo silêncio, sua atenção voltada unicamente ao mundo ao seu redor, preparado para reagir caso fosse atacado por uma planta carnívora, por exemplo – já aconteceu.

Arcturo, por sua vez, estava ansioso no pior dos sentidos. Não compartilhava a curiosidade animada de Nyo, apenas o mais puro terror do que poderia acontecer em seguida. Seus olhos verdes pareciam escurecer quando ele ficava nervoso – sempre acontecia quando Nyo o arrastava para uma nova aventura –, assumindo um tom quase castanho. Talvez fosse imaginação, mas poderia jurar que acontecia *de verdade*.

Os primeiros sinais de que a criatura realmente se escondia ali começaram a aparecer poucos minutos depois. Ranhuras nas pedras, o azul mais intenso das rochas e o cheiro adocicado de mofo convenceram Nyo de que estava perto, e ele definitivamente não pararia ali.

— Nyo, calma — Art sussurrou, segurando seu pulso. — Me promete que você não vai fazer nada estúpido se realmente existir uma criatura aqui.

O garoto semicerrou os olhos, sua respiração cada vez mais gelada, e virou-se na direção do amigo.

— Qual a graça de viver assim?

Art piscou várias vezes, seu olhar perdido num ponto além do ombro do amigo.

— Nyo... — ele miou.

O garoto virou a cabeça rápido demais, machucando o pescoço, mas não se importou com a dor quando seus olhos encontraram a criatura que surgia por entre as rochas.

*Literalmente* por entre as rochas. Era como se a gruta estivesse se moldando ao redor do monstro, que ia em direção aos meninos pouco a pouco, com toda a calma de quem tinha plena certeza de que era o mais forte daquele ambiente.

Seu crânio se moldava para fora da parede da gruta, formado pela rocha azulada que parecia brilhar ainda mais forte agora que criava vida. Os cinco olhos eram formados por safiras, mas Nyo sabia, pela sensação gélida no estômago, que a criatura os enxergava. A cabeça tinha um formato alongado, semelhante à de um dragão, e fendas onde deveria estar o nariz. Seu pescoço pouco a pouco tomou forma, incrustado com ainda mais safiras — mais olhos? —, seguido por um corpo cilíndrico com um par de tentáculos em cada lado.

A dupla estava longe o suficiente para que a criatura tivesse espaço para se retirar por inteiro do revestimento da gruta, tomando sua forma completa. Os quatro tentáculos o

sustentavam em pé, tornando-o quase tão alto quanto o teto da gruta.

Os olhos de safira do monstro encontraram os de Nyo. Mais que isso, aqueles olhos atravessavam carne e ossos, viam Nyo além do que o garoto aparentava ser, enxergavam suas verdades.

Observavam coisas que Nyo havia enterrado e tentado esquecer.

Art ainda apertava seu pulso, a pele do garoto gelada como a de um cadáver, e com essa percepção Nyo permitiu-se retornar à realidade. Sentiu a respiração do melhor amigo em seu pescoço e tinha a impressão de ouvir os batimentos do seu coração. Não teve coragem de se mover, mas ajeitou sutilmente os ombros numa tentativa de tranquilizá-lo.

Não que Nyo estivesse tranquilo, de forma alguma, mas sabia que se entrasse em pânico Arcturo ficaria muito pior.

A criatura se aproximou lentamente, diminuindo a distância entre eles, até Nyo sentir a respiração morna em seu rosto. Seus pensamentos já não faziam sentido, frenéticos como um oceano em noites de tempestade. Não conseguia ordená-los, muito menos formular um plano para saírem vivos dali.

A sensação na boca do estômago retornou com violência, uma pressão intensa puxando-o para baixo e esquentando todo o seu corpo.

Arcturo fincou as unhas na pele do amigo, a dor quase imperceptível em meio ao infini...